

pés descalços... Havia dois dias já, que não comia. Sua filha, uma transviada da vida que se afogara no pantano lodacento da prostituição e do crime, pedira-lhe chorando, algum dinheiro para o seu amante... Ella deralhe todas as poucas moedas de cobre que possuía...

Das famílias que habitualmente a costumavam socorrer, só uma, por falta de meios, ficára na cidade. Era para a sua porta que se encaminhava. Subiu a escada, bateu, esperou. Um padreiro que descia disse-lhe:—Ahi não está ninguém, tiazinha. Saiu-lhes a sorte grande e foram hontem para fóra». Bateu então ás portas dos outros andares. Em todos lhe deram a esmola dum carinhoso «Tenha paciencia»... Saiu; foi caminhando até que se encontrou numa ruazinha deserta; sentou-se á borda do passeio e, sem forças já para lutar com a morte, entregou-se-lhe serenamente...

...Era um dia lindo d'agosto e o seu pobre corpo, jazia inerte sobre as pedras ardentes da calçada...

MARIO DE SÁ CARNEIRO

AMOR Á VIDA

(Aos distintos poetas Astrigildo Chaves e Mario de Santa Rita).

Se este mundo p'ra vós é um tormento,
Se o acháes triste, vão e maçador,
Se ao vosso torturado entendimento
Já nada faz o balsamo do amor;

Se, ao erguêdes bem alto o pensamento,
Asfixiaes em convulsão de dôr,
Se os risos vos inspiram só horror,
E de tédio morreis n'este *Convento*;

Se o mundo não é mais que podridão,
Se nada existe n'ell' que vos conforte,
Se tendes o remedio em vossa mão

N'um copo de veneno ou n'um punhal;
Porque não ides procurar a Morte,
Deixando em paz a dôr Universal?!

MANUEL CHAGAS

Medicos...

(Pa'á o Dr. Xavier da Silva)

—«Anda! Senta-te aqui ao pé de mim.
Porque choraste tu hontem á tarde?
Não tremas, meu Amor, não tremas... Arde,
Abraza o teu rosto de jasmim.

Tu receias talvez que eu vá soffrer
E por isso me occultas essa magoa...
Mas trahem-te os teus olhos rasos d'agua —
Livros que eu sei de cór, de tanto os lêr!

Ora diz lá a verdadinha clara:
Não foi porque o douctor fez tão má cara
D'esta maldita tosse me atacar?

Mas tu não sabes o que são doutores?!
E receitou, vê tu! para estas dores
Que só a Velha cura, ou o teu Olhar...»—

Novembro, 1908.

ASTRIGILDO CHAVES.

MUSA GALHOFEIRA

Glosa

(Retardada).

Senhora dos olhos lindos
Dizei-me porque os fechaes?
Bem sabeis que são ladinos,
E bellos até de mais.
A côr é negra, bem sei,
D'esses olhos que pinteí,
N'uma noite de luar,
Dentro do meu coração;
E... agora, por compaixão,
Dae-me a esmola d'um olhar.

ALGARVIA

MOTTE

*Eu quero ser criminoso,
Se ter amor é um crime*

Glosas

Se p'ra me qu'eres. é forçoso
Que um crime por ti commetta,
Acredita, ó Henriqueta,
«*Eu quero ser criminoso!*»
Por ti... assassinarei!...
Sim, matarei, ó queridinha,
Por exemplo... uma gallinha
Que contigo comerei!...
Embora me desanime
Teu sorriso desdenhoso,
Eu vou ser um criminoso,
«*Se ter amor é um crime!*...»

SIRCOANERA

N'este viver horroroso
Sinto meu peito estalar.
Se é crime um homem amar
Eu quero ser criminoso.
Ter um idyllio amoroso
É devaneio sublime
Porque só o amor redime.
Por isso aos grandes talentos
Pergunto n'estes lamentos.
Se ter amor é um crime.

ELMINO

Se o amar é deshonoroso,
Mande o Juizo d'Instrucção,
Levar-me para a prisão;
— *Eu quero ser criminoso!*
Mas se no globo inditoso,
Toda a falta se ridime.
Sem que a suspeição anime,
Consulta-se a natureza,
E ella dirá, com certeza,
Se ter amor é um crime?!

A. PITOU

Motte a glosar

*Lindo amor, que me matais,
Com tão grande ingratição.*

Cumulos

Deitar agua no *Pote das almas.*

Metter n'um dedo o anel de Saturno.

Carregar uma espingarda com cartuchos
d'amendoas.

Fazer uma roda com raios de sol.

Partir um pé ao Banco de Portugal

No cemiterio...

A noite é escura e fria. Além no cemiterio
Um murmurio s'evola em tom plangente e
agreste...
E' o vento a gemer nos ramos do cypreste
E o cantico sombrio d'um passaro funéreo!

N'esse campo tristonho, inerte e solitario
Onde a morte apagou vestigios d'esta Vida,
Jaz teu corpo, mulher — materia apodre-
cida —
Um corpo que eu amei nas lides do Fadario!

Mulher! quando nasceste, immaculada e
pura,
Foste a luz d'uma aurora immensa de Can-
dura,
O alegre despertar da flôr em seu hastil!

Porém, foste cair na podridão do Vicio!
E nada transformaste em horrído supplicio,
Vendendo a carne impura á sociedade vil!

Lx.^a, 1-12-908.

MAC-ILLERNO

O meu amigo

N'este occulto sacrario, onde eu abrigo
O gelido cadaver do passado,
Tontas chyméras d'esse tempo antigo,
— Cinzas que o vento arremessou irado!

Fica-se ás vezes a fallar commigo
Esse cadaver infeliz, gelado...
Chama-me então «o seu melhor amigo»
Fico de ouvil-o, quanta vez, cançado!

Disse-lhe um dia: «Vou-me embora, vou...»
Tristemente o espectro me fitou
E respondeu-me pouco mais que isto:

Não... não supponhas que me dás pezar,
Não tenhas medo d'este meu fallar
Porque, acredita, nem sequer existo!

MARIO DE SANTA-RITA

CURIOSIDADES

Pombos fotografos.—Comberg, farmacutico allemão, em Neubrouner pensou em utilizar os pombos correios, em caso de guerra, com o fim de obter fotografias de praças sitiadas e fortificações inimigas.

Inventou um appparelho fotografico adaptavel ao peito da ave que não chega a pesar 70 gr. e que por meio dum mecanismo posto em movimento quando o pombo parte, permite obter trinta vistas consecutivas com intervallos de meio minuto, o que equivalle á representação fotografica de 15 km.

Teem-se feito experiencias deste novo meio de exploração militar e os resultados teem sido altamente satisfatórios.

Entre outras fotografias interessantes o auctor, conseguiu obter as do parque do castello imperial do Friedrichsof, onde é terminantemente proibida a entrada ao publico e por consequencia aos fotografos.